



apresenta:

O PALCO É DELAS

A potência feminina na criação musical

Com obras de :

Fanny Mendelssohn
Ilza Nogueira
Tami Belfer

Regência:

Carlos Anísio



06 MARÇO
2026

20h

SALA RADEGUNDIS FEITOSA

JOÃO PESSOA - PB

As mulheres sempre fizeram música — cantando, tocando, criando! Desde a Antiguidade há registros de sua atuação na produção musical, como na Grécia antiga, com a comunidade feminina reunida em torno de Safo de Lesbos (630 a.C. - 570 a.C.), reconhecida como poeta e musicista. Em torno dela, a educação feminina estava profundamente ligada às artes, especialmente à poesia e à música.

Apesar dessa presença histórica, o reconhecimento do trabalho das mulheres na música foi, durante séculos, limitado por barreiras sociais e culturais. Em muitos contextos, mulheres foram impedidas de atuar profissionalmente, publicar suas obras ou mesmo assiná-las com o próprio nome. Um caso frequentemente citado é o de Maria Anna Mozart (1751-1829), irmã de Wolfgang Amadeus Mozart. Pianista talentosa e também compositora, ela teve sua trajetória artística interrompida pelas convenções sociais de sua época. Musicólogos levantam, inclusive, a hipótese de que algumas obras atribuídas ao irmão possam ter sido de sua autoria — um dado que evidencia como o apagamento feminino na história da música não foi incomum.

Esse também foi o caso de uma das compositoras que será apresentada nesse concerto, Fanny Mendelssohn. Irmã do de Felix Mendelssohn, em vida, Fanny raramente assinava suas obras, deixando-as com o nome do irmão.

Esse silenciamento não se restringiu à música, mas atravessou diversas áreas da produção cultural e intelectual. Ainda assim, mulheres continuaram compondo, pesquisando, interpretando e ensinando, muitas vezes em espaços privados ou à margem das instituições oficiais. Ao longo dos séculos XIX e XX, e de maneira mais intensa nas últimas décadas, movimentos feministas nas ruas e, mais tarde, também na academia passaram a questionar esse apagamento, promovendo a revisão historiográfica e a valorização e reconhecimento de trajetórias artísticas antes invisibilizadas.

O mês de março, marcado simbolicamente pelo Dia Internacional da Mulher, insere-se nesse contexto de reflexão e reivindicação por igualdade de direitos, reconhecimento profissional e justiça social. No campo da música, essa data reforça a importância de ampliar o repertório, diversificar programações e reconhecer a contribuição das mulheres para a construção do patrimônio musical, além de lutar por melhores condições de trabalho para as mulheres nesse campo, material e simbolicamente.

Mais do que uma pauta circunstancial, trata-se de um movimento contínuo de revisão histórica, afirmação artística e de um projeto societário igualitário. Reconhecer o trabalho das mulheres na música — no passado e no presente — significa não apenas reparar omissões, mas também enriquecer a escuta, o repertório e a compreensão da própria história da arte, contribuindo para a construção de um mundo mais justo e seguro para todas as pessoas!

Tânia Neiva

Professora, pesquisadora e musicista

Programa

1 - Fanny Mendelssohn Hensel (1805-1847)

Quarteto em Mi bemol maior (1834)

I. Adagio ma non troppo

II. Allegretto

III. Romanze

IV. Allegro molto vivace

Osufpb em Câmara

2 - Tami Belfer (1985)

Fragmentos de escuridão (2023)

3 - Ilza Nogueira (1948)

SUÍTE CAYMMIANA - História de pescadores,
sobre temas de Dorival Caymmi (1999)

I. Introdução (O Mar)

II. Canção da partida

III. Adeus da esposa

IV. Temporal

V. Cantiga da noiva

VI. Funeral

VII. Canção da partida (2ª versão)

VIII. Finale (É doce morrer no mar)

Carlos Anísio, Regência

Músicos

Violinos I:

Rodrigo Eloy (spalla)
Marcelo Vasconcelos
Deyse Firmino
Caio Freire

Violinos II:

Renata Simões
Raquel Avellar
Fernanda Acioli
Emmanuel de Carvalho

Violas:

Anne Katarinne
Sóstenes Lopes
Giovanna Fonseca
Luiz Carlos

Violoncelos:

Isadora Câmara
Tom Drummond
Andreyana Dinoá
Lucas Almeida

Baixo:

Victor Mesquita

Clarinete:

Eduardo Lima

Trompa:

André Rodrigues

Percussão:

Viktor Makeba*

**Músico Convidado*

Carlos Anísio (Regente)



Carlos Anísio realizou seus estudos iniciais na Escola de Música Anthenor Navarro. É Bacharel em Música (UFPB/83) e Mestre em Regência Orquestral (UFBA/97), tendo ingressado como docente da UFPB em 1991. Diretor e compositor premiado de trilhas musicais para cena e audiovisual, dirige o Coro de Câmara Villa-Lobos, com o qual gravou os CDs Cancioneiro de Ipuarana e Todas as Ondas do Rádio.

Dirigiu, regeu e fez arranjos dos seguintes CDs: Viva Nau Catarineta, Poetas Sem Concerto, Travessuras: Dez Canções Infantis, Zé Lins: O Pássaro Poeta, Antologia Musical: Viva Pedro Santos!, Joaquim Pereira: Dobrados & Valsas, No Bagaço da Cana: Um Brasil Adormecido (Cátia de França), 50 Anos de Arte no Reino da Cantoria (Oliveira de Panelas), José Alberto Kaplan: Obras Orquestrais, Cantata Pra Alagamar (J. A. Kaplan/W. J. Solha) e Antologia Brasileira: Música para Grupo de Metais.

Atualmente é Coordenador da Orquestra Sinfônica da UFPB.

Fanny Mendelssohn



Considerada a primeira compositora importante da história da música, a pianista Fanny Mendelssohn, irmã do também compositor Felix Mendelssohn, nasceu em 14 de novembro de 1805 em Hamburgo, na Alemanha.

Era uma jovem musicista tão impressionante que seu professor de composição, Carl Friedrich Zelter, disse dela: "Essa menina é realmente algo especial". Mas seu pai acreditava que a composição não era uma carreira para mulheres. Ele disse, em uma carta desencorajadora, de 1820, para ela: "A música talvez se torne a profissão de Félix (seu irmão), enquanto para você ela pode e deve ser apenas um adorno."

Na verdade, Fanny foi limitada não apenas por seu sexo, mas também por sua classe social. Não se esperava que mulheres na Alemanha do século XIX fossem compositoras, sobretudo se pertencessem à classe alta, à qual os Mendelssohn pertenciam. Mas ela não se deixou abater. Fez da composição uma rotina diária e conseguiu que suas obras fossem ouvidas por meio de concertos particulares quinzenais que ela mesma organizava em um salão de música na casa da família Mendelssohn.

No total, Fanny compôs 460 peças musicais, incluindo muitas "Canções sem Palavras", um tipo de peça para piano que mais tarde se tornaria famosa em seu irmão, que chegou a tocar músicas dela creditando-as com seu nome. Musicólogos acreditam que Fanny foi pioneira nessa forma musical.

O Quarteto de Cordas em Mi Bemol Maior de Fanny Mendelssohn foi escrito em 1834, mas baseado em uma sonata para piano inacabada que ela havia composto cinco anos antes. Esta obra extraordinária e rapsódica é seu único quarteto de cordas da maturidade e, entre os que conhecemos atualmente, é um dos primeiros quartetos de cordas que sobreviveram, escritos por uma mulher. A própria Mendelssohn refletiu, maravilhada, sobre como ela, "não uma pessoa excêntrica ou excessivamente sentimental", havia chegado a compor tal música; para ela, isso surgiu do contato com o estilo "extremamente comovente e emotivo" de Beethoven quando criança.

A obra foi apresentada apenas uma vez, em privado. Seu irmão a desaprovou veementemente, especialmente o que ele considerava uma abordagem indisciplinada da forma; possivelmente como resultado, ela nunca mais escreveu outro quarteto. Igualmente importante, porém, é que ela não alterou o que havia escrito.

Tami Belfer



Tami Belfer nasceu em São Paulo, em 1985, e começou seus estudos de música com o violino aos seis anos de idade. Mas foi com o violão que continuou, obtendo o diploma de Bacharel em Música (violão clássico) e Licenciatura em Música pela Faculdade Santa Marcelina (São Paulo, Brasil).

Após o período acadêmico, se dedicou à composição e produção musical para audiovisual, com foco em trilhas sonoras para cinema. Participou de mais de 40 longas-metragens e séries brasileiras, incluindo produções para Netflix, HBO, Star Plus, O2 Filmes, Gullane, Paris Entretenimento entre outras.

Seus principais professores incluem João Luiz Rezende Lopes (violão), Paulo Zuben, Marisa Ramires (harmonia) e Matheus Bitondi (composição).

Em 2024, lançou seu primeiro projeto original: "Longe daqui, tarde demais". O álbum traz canções e peças instrumentais interpretadas por renomados pianistas e cantores da cena musical brasileira.

Recentemente, teve sua peça microtonal "Brazilian landslide" selecionada para ser tocada no Trinational MicroFest, que acontecerá em novembro de 2025, em Estrasburgo.

Fragmentos de Escuridão (2023) é uma peça para orquestra de cordas, clarinete e trompa, estruturada a partir de uma melodia apresentada inicialmente em diálogo entre os dois instrumentos de sopro. Este material atua como elemento gerador do desenvolvimento musical, sendo progressivamente absorvido pelo conjunto orquestral por meio de processos de ressonância, transformação tímbrica e variação dinâmica.

A atmosfera de caráter soturno estabelecida no início da peça sofre gradativa expansão e transformação, permitindo maior protagonismo aos demais naipes da orquestra. Neste percurso, configuram-se seções marcadas por tensão e conflito, resultantes da intensificação dos contrastes dinâmicos, da densificação textural e da exploração de diferentes camadas sonoras.

Ao final, tais estados expressivos se dissolvem em fragmentos do tema inicial, que retorna de forma segmentada e evocativa, como ecos distantes do material que a originou. Dessa maneira, a peça propõe um arco expressivo que parte de um núcleo motivico unificado e se desdobra em múltiplas configurações tímbricas, dinâmicas e estruturais, evidenciando um processo contínuo de transformação do material musical.

Fragmentos de escuridão propõe uma trajetória sonora que transita entre sombra, conflito e tranquilidade, revelando diferentes camadas de uma mesma ideia musical.

Ilza Nogueira



Balana, Ilza Nogueira chegou em João Pessoa em 1978, contratada para lecionar no Departamento de Música da UFPB, onde atuou como docente na graduação e na pós-graduação em Música durante 22 anos.

Graduada em Letras Anglo-germânicas e Música (piano) pela UFBA, especializou-se em composição em Colônia/DE sob a orientação de Mauricio Kagel, em seguida realizando mestrado e doutorado na Universidade Estadual de New York, em Buffalo, onde foi orientada pelos compositores Lejaren Hiller e Morton Feldman.

Na Universidade de Yale (EUA), realizou pós-doutorado em Teoria da Música, área em que também atua como musicóloga analista, dedicando-se ao repertório brasileiro contemporâneo e, principalmente, às obras do Grupo de Compositores da Bahia. É autora do livro Ernst Widmer, Perfil Estilístico (UFBA, 1997), publicou catálogos de obras de Ernst Widmer, Lindembergue Cardoso, Fernando Cerqueira, Jamary Oliveira e Agnaldo Ribeiro, e coordenou por 20 anos o site "Marcos Históricos da Composição Contemporânea na UFBA", que disponibiliza um acervo de estudos analíticos e edições críticas de obras significativas dos compositores balanos.

Integrou o comitê assessor para a área de artes do CNPq, instituição onde desenvolveu uma sólida carreira de pesquisadora, chegando recentemente à categoria Sênior.

Fundou e presidiu a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM) e Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical (TeMA).

Suas obras, com ênfase na música de câmara e no repertório vocal, têm sido apresentadas em mostras no Brasil e no Exterior.

Ingressou na Academia Brasileira de Música em abril de 2003, onde ocupa a Cadeira 27. Em 2026, a Profª Ilza Nogueira é eleita Presidente da ABM.

A Academia Brasileira de Música empossou sua nova diretoria no dia de ontem, 5 de março de 2026, e pela primeira vez em seus 80 anos, a instituição terá como presidente uma mulher: a compositora e acadêmica Ilza Nogueira.

Suíte Caymmiana: História de Pescadores: Sedução, fé, esperança, coragem, luta, fatalidade e aceitação. Esses são os ingredientes da canção praieira de Caymmi, cuja poética revela um mundo distante da racionalidade, impregnado de uma religiosidade natural que confere a tudo um sentido inquestionável. Assim, o mundo da praieira se aproxima das epopéias homéricas, da perfeita adequação do homem ao mundo, da ausência. Sair ao mar, trabalhar, voltar do mar ("se Deus quiser"), trazer o peixe, agradecer a Deus e recomeçar tudo na manhã seguinte é uma aventura cíclica, regida pela tradição e pela religiosidade.

Na introdução (alusiva ao início da canção "O Mar"), entre sonoridades que sugerem a profundidade do oceano sob a tênue luz da aurora, desenhos ondulantes insinuam a plácida movimentação das águas ornamentando o canto que fala da beleza das ondas quebrando na praia com suas espumas suavemente chiantes.

Esse cenário contrasta com a saída da jangada ao mar, impulsionada por vigorosas remadas, enquanto o canto de trabalho do pescador revela fé na ajuda divina e otimismo no resultado de sua jornada ao mar: "Se Deus quiser quando eu voltar do mar, um peixe bom eu vou trazer".

Enquanto isso, a espera da sua amada na terra, encorajada pela mesma fé em bom tempo, antecipa a alegria do regresso na imagem de uma cama perfumada de alecrim. Tensos impulsos em uma imaginária rede embalam a languidez do canto insinuada em pronunciados glissandi.

Passando ao cenário do mar revoltado, chamados ecoantes incisivos dispersos no espaço musical - "Pedro..., Chico..., Lino..., Zeca..." - conduzem-se para a homofonia tensa da pergunta que não quer calar - "cadê vocês, oh, Deus do céu" -, prenúncio de uma tragédia anunciada: "com um tempo desse, quem vai pro mar não vem".

O lirismo triste da canção de espera à beira da praia, cujo acompanhamento em encadeamentos cromáticos insinuam a incerteza da qual fala o canto, ampara-se numa uma insólita modulação, tecendo uma elaboração harmônica em que Caymmi se aproxima de Jobim para falar de tristeza e solidão. Fluindo para a incelença do funeral expressa na voz grave dos violoncelos, a tristeza da espera se transforma na resignação da despedida: "até o dia do juízo".

Mas a vida continua e o ciclo se repete em nova jornada ao mar, com renovada esperança e alegria, vigor e determinação.

Finalizando a suíte, a introdução da cantiga "É doce morrer no mar" (que não faz parte do ciclo de Caymmi) remete à memória de um destino conhecido, triste e doce, ao mesmo tempo.

A OSUFPB

A Orquestra Sinfônica da UFPB foi fundada em 2013 e é um grupo cultural da UFPB pertencente ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) e ligado aos Departamentos de Música e Educação Musical da Instituição. A orquestra tem finalidades pedagógicas que envolvem professores e alunos da UFPB, além de contribuir para a formação de plateia para o público pessoense.

Atualmente, conta com vinte e três músicos fixos, sendo dezenove cordas, um clarinete e uma trompa. Além disso, a OSUFPB conta eventualmente com a participação de professores e alunos dos cursos de Música da UFPB e também de colaboradores voluntários da cena sinfônica paraibana.

Com concertos majoritariamente realizados na Sala Radegundis Feitosa, que fica localizada no Campus I da UFPB, a OSUFPB se propõe a apresentar obras de grandes compositores da história da música universal e regional, contemplando também artistas da cena local e realizando concertos didáticos para crianças e adolescentes.



Dúvidas Frequentes

O que acontece se eu chegar atrasado(a) para o concerto ou precisar sair?

Se você chegar atrasado(a) procure entrar na Sala somente no intervalo entre os movimentos de uma obra, ou quando houver aplauso.

A mesma orientação serve quando você precisar ir ao banheiro durante a apresentação.

Qual é a idade ideal para assistir aos concertos da OSUFPB?

Todas as idades são bem-vindas em nossos concertos.

Porém, recomenda-se a presença de crianças de 6 anos para cima, ou que já tenham a disciplina para manterem-se em silêncio durante as apresentações. Esta decisão deixamos a cargo dos pais.

Sugerimos, entretanto, que ao trazer crianças, procure ocupar cadeiras próximas à porta de saída, pois assim facilitará o(a) responsável para dar assistência ao menor, quando for necessário.

Mas afinal, é para aplaudir ou não?

Mas afinal, é para aplaudir ou não? A música sinfônica muitas vezes é dividida em partes - ou

"movimentos" como são chamados. Entre um movimento e outro existe um silêncio. Nestes intervalos, não aplaudimos. Só se aplaude ao final de cada obra. Você pode acompanhar esses movimentos na página 02 deste programa.

Eu posso filmar ou fotografar o concerto?

Claro, fiquem a vontade para registrar nossos concertos. Só pedimos que não usem flashes, pois atrapalham nossos músicos. E se postar os registros, marca a gente no Instagram: @osufpb.oficial

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitora

TEREZINHA DOMICIANO

Vice-Reitora

MÔNICA NÓBREGA

CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES (CCTA)

Diretor

ULISSES CARVALHO DA SILVA

Vice-Diretora

FABIANA CARDOSO DE SIQUEIRA

Chefe do Dep. de Educação Musical – DEM

FRANCISCO DE ASSIS MESTRINEL SANTANA

LABORATÓRIO DE MÚSICA APLICADA - LAMUSI

Coordenador executivo

GLÁUCIO XAVIER DA FONSECA

Diretor da OSUFPB

CARLOS ANÍSIO

Arquivista Musical

MATEUS BARBOSA

Divulgação

Adeildo Vieira

Assessoria de Imprensa

AFRA DE MEDEIROS (ASCIM - CCTA)

Apoio técnico

ISAÍAS FERREIRA LUCAS

JOSÉ BERNARDO DA SILVA

Bolsistas PROEX:

DÉBORA SANTOS DE SOUZA

WEIDA CARNEIRO

YASMIN EUSTAQUIO SILVA DE OLIVEIRA BANDEIRA

Estagiárias voluntárias:

LAÍS NASCIMENTO SANTOS

MARIA CLARA NUNES MARQUES

Realização:

